

A formação histórico-cultural e a ideia de pessimismo racial no Brasil

Anderson

Henrique da Silva

Graduando em Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. andersonheri@gmail.com.

Lucas Emanuel de Oliveira Silva

Graduando em Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. lukasemanoel@gmail.com

Willber da Silva Nascimento

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. nascimentowillber@gmail.com

Palavras-chave:

Política brasileira; Pessimismo racial; Identidade nacional.

Keywords:

Brazilian Policy; Racial pessimism; National identity.

RESUMO: De que modo se deu a formação histórico-cultural brasileira e a ideia de pessimismo racial no Brasil? Este artigo realiza uma análise bibliográfica sobre as principais obras que retratam a formação do Brasil enquanto nação. Para isso, são utilizados os pensamentos de Freyre (2004), Buarque de Holanda (1985) e Prado Jr. (1995), que contribuíram, com suas diferentes visões, para descrever a construção de uma identidade nacional. Logo em seguida, a ideia do pessimismo racial é discutida à luz de autores como Rodrigues (2010), DaMatta (1986) e Fernandes (1978).

ABSTRACT: How did Brazilian historical and cultural background and the idea of racial pessimism occur? This paper takes a literature review on the major books that portray Brazilian formation as a nation. For this, we will work with some authors' ideas as Freyre (2004), Buarque de Holanda (1985) and Prado Jr. (1995), who have given their contributions, even with different points of view, to explain the building of a national identity. Soon after, we discuss the idea of racial pessimism as thought by some authors such as Rodrigues (2010), DaMatta (1986) and Fernandes (1978).

"O Brasil é a mais avançada democracia racial do mundo".

Gilberto Freyre

"O Brasil é um inferno para os negros, um purgatório para os brancos e paraíso para mulatos".

Roberto DaMatta

Introdução

De que modo se deu a formação histórico-cultural brasileira e a ideia de pessimismo racial no Brasil? Este artigo realiza uma análise bibliográfica sobre as principais obras que retratam a formação do Brasil enquanto nação. Na literatura, vários autores se dedicaram a tarefa de explicar o desenvolvimento sócio histórico brasileiro, de Cabral até os dias atuais, sob diferentes facetas, no entanto sem perder de vista as peculiaridades inerentes a cada período.

Gilberto Freyre mostra como teria se ori-

ginado as relações raciais na sociedade colonial brasileira, a partir da casa grande e das relações entre senhores de engenhos e escravos. Além dele, Sérgio Buarque de Holanda realiza uma análise histórico-sociológica para compreender as origens da identidade nacional, com o intuito de explicar o atraso da sociedade brasileira em face à europeia. Por fim, Caio Prado Jr., por meio de uma crítica marxista, retrata como o Brasil foi formado, desmistificando a visão *freyriana* de uma democracia racial abordando, principalmente, questões de cunho econômico.

O pessimismo racial, por sua vez, aparece constantemente na obra de autores como Raymundo Rodrigues e Euclides da Cunha que tratavam com certo cuidado e atenção a incorporação dos negros na sociedade urbana brasileira, principalmente após o término da escravidão. A questão da raça era peça chave para que a população brasileira sáísse de um estágio primitivo até chegar em um

de civilização, em uma visão bem positivista-evolucionista.

Esse artigo tem como público alvo alunos de graduação e pós-graduação em Ciências Sociais, bem como todo e qualquer interessado nesse tema. Em termos estruturais, o artigo está dividido em três seções. Na primeira, mostraremos alguns debates sobre a formação do Brasil. Na segunda, apresentaremos alguns argumentos sobre a participação do negro no desenvolvimento do Brasil e algumas de suas implicações. Por fim, seguem as considerações finais do artigo.

1 - A formação do Brasil através de diferentes visões

Estudar sociologia política e não se debruçar sobre algumas obras-chaves torna a tarefa de entender o processo de organização político-social, de uma sociedade tão plural quanto o Brasil, quase impossível.

No período da República Velha, logo após a independência, o Brasil caminhava a passos lentos em busca de ter maior autonomia comercial do Estado português, que tinha como principal comércio a cana de açúcar proveniente dos grandes engenhos do Sudeste e Nordeste. Nesse cenário, o Estado brasileiro procurava instaurar uma economia voltada para produção interna, ao contrário do que muitos esperavam, com foco na economia regional que estaria ligada diretamente ao comércio internacional. A partir da Era Vargas, surge o interesse de valorizar os elementos da cultura brasileira, tais como costumes, folclore e hábitos regionais, que pudessem proporcionar a ideia de uma identidade nacional.¹ Tema este profundamente problematizado desde o final do século XIX, que tinha como uma das características uma universalidade representativa para toda a população brasileira através do conjunto de elementos subjetivos, tais como costumes, hábitos e folclore, e objetivos.

Quatro décadas após a abolição da escravatura, algumas obras de grande porte², à época, surgiam em uma geração que não chegou a conviver, de fato, no período da es-

cravidão. Concomitantemente, a difusão dos meios de comunicação do rádio ia aos poucos interligando as pessoas ao longo do país.

Em vista destas mudanças de paradigmas ao longo desse período, houve grandes esforços intelectuais que buscavam entender e problematizar a situação do Brasil naquela época objetivando, principalmente, o homem brasileiro, a sociedade e as relações que os permeiam.

1.1 - A visão freyriana

Inspirada nos diários e registros de pessoas dos séculos XVIII e XIX e tendo como plano de fundo os canaviais nordestinos da época, Casa Grande & Senzala (1933) retrata a formação do povo brasileiro por meio da miscigenação harmoniosa entre as três etnias que habitavam o país: índios, portugueses e africanos. Tal visão defendida por Freyre (2004) pode ser apresentada sob a ideia de uma “democracia racial”, que fazia com que as relações escravocratas no Brasil fossem amenizadas, em comparação com as dos Estados Unidos, que, de acordo com ele, eram bem mais severas.

Casa Grande & Senzala está dividido em cinco capítulos que tratam também a essência da colonização portuguesa, através do retrato de uma sociedade escravocrata e agrária. Esta é uma das obras que mostra o cotidiano rural brasileiro no início de século XIX. Freyre (2004) apresenta uma sociedade centralizada, administrativamente, em Portugal, mas, ao mesmo tempo, com todo o poder político-social nas mãos dos senhores de engenhos, sob a égide de um familismo patriarcal.

Freyre (2004) enxerga a casa grande como o centro de coesão e de equilíbrio da sociedade, onde estaria presente todo um complexo sistema de relações sociais, econômicas, políticas, sexuais e religiosas. O sociólogo defende o argumento que a miscigenação pôde atenuar a distância entre negros e brancos no Brasil. Senhores e escravos, muitas vezes, mantinham vínculos confidentes, mas que eram comuns à época, principalmente os sexuais.

¹ Sobre o início da discussão sobre identidade nacional ver: Anderson (2008), Bresciani (2007), Freyre (1952), Reis (2006) e Ortiz (2007). A respeito da compilação dos principais debates sobre o tema ver: Andrade (2010), Queiroz (1989) e Schneider (2004).

² Além dos autores trabalhados nesse artigo, sugere-se a leitura do livro “O Povo Brasileiro” de Darcy Ribeiro (1995) para uma compreensão ainda mais ampla sobre o assunto aqui tratado.

"Costuma dizer-se que a civilização e a sifilização andam juntas. O Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado. A contaminação da sífilis em massa ocorreria nas senzalas, mas não que o negro já viesse contaminado. Foram os senhores das casas-grandes que contaminaram as negras das senzalas. Por muito tempo dominou no Brasil a crença de que para um sífilítico não há melhor depurativo que uma negrinha virgem." (FREYRE, 2004, p. 192).

Um dos argumentos de Freyre (2004) para explicar a estrutura social brasileira é o fator econômico. De acordo com o autor, o sistema de produção vigente na época estava calcado em uma organização social coesa, no qual a monocultura latifundiária tinha o senhor de engenho como ator social principal. À medida que a casa grande agregava o senhor do engenho e sua família, os escravos e dependentes, ao mesmo tempo, conseguiam garantir moradia e alimentação, reafirmando, com isso, uma hierarquização existente da sociedade brasileira, fato esse muito característico.

Apesar da importância de Casa Grande & Senzala na sociologia brasileira, segundo Gahyva (2010), a obra sofreu muitas contestações³. Dentre os vários críticos, alguns acusam Gilberto Freyre de ter escondido as reais relações entre escravos e senhores, e, principalmente, criado a ideia de harmonia e ter omitido os conflitos, presentes ao longo da história, entre índios, brancos e negros. Já outros argumentam que Freyre teria uma visão estritamente regional com foco no norte e nordeste e excluindo as particularidades de outras regiões.

3 Para melhor entendimento sobre o debate dos principais autores que criticaram Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala ver: Araújo (1994), Amado et al (1962), Fonseca (1985) e Reale (1985).

4 "Homem cordial" é um conceito criado por Sérgio Buarque de Holanda em "Raízes do Brasil" ao se referir ao hábito do povo brasileiro em ser hospitaleiro, alegre e festeiro proveniente da herança cultural da colonização de Portugal, que levou a uma relação problemática entre as instâncias pública e privada.

é um dos pioneiros a colocar a formação da identidade nacional em foco e a proporcionar uma explicação institucional para atraso do país. O autor busca a construção de um perfil psicológico do homem brasileiro baseado na ideia do "homem cordial"⁴.

A obra está dividida em cinco partes em que Buarque de Holanda (1995) tenta esclarecer os detalhes de como teria sido a vida e a formação gradual do povo brasileiro. Inicialmente, o autor descreve as formatações dos países ibéricos, dando ênfase em Portugal como o pioneiro das grandes navegações do século XVI. A construção social do Brasil seria baseada no modelo ibérico vigente na época.

Buarque de Holanda (1995) apresenta algumas características da dominação portuguesa no Brasil. Segundo o autor, haveria certa visão entre dois mundos, a tradicional e a moderna. Os engenhos eram sinônimos de robustez econômica em detrimento do comer-



Adriana Santana

1.2 - As raízes brasileiras de Buarque de Holanda

Por outro lado, temos a publicação do livro "Raízes do Brasil" (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, que é um livro com foco na psicologia e sociologia com objetivo de analisar o passado para entender o presente e o futuro político do Brasil. Buarque de Holanda (1995)

cio e da indústria, que teriam sofrido diversas dificuldades para se desenvolverem devido à falta de estrutura e incentivo do Estado brasileiro. Seria apenas com a Revolução Industrial que o trabalho fora dos engenhos teria prestígio à medida que o homem se torna peça fundamental para o funcionamento das máquinas. Com isso, a vida na cidade teria se desenvolvido de forma anormal e prematura.

Retratando as principais características do homem brasileiro Buarque de Holanda (1995, p.145) vai afirmar que:

"No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização — que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades — ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje"

Segundo ele, o Estado não seria mais do que uma continuação da família e que estes tipos de relações familiares seriam difíceis para a formação de um homem responsável. Esta possível incapacidade do "homem cordial" de não se separar do âmbito da família afrouxaria as relações de rigidez da burocracia do Estado. A apropriação familiar do Estado colocaria o homem público sempre no âmbito do privado e vice-versa.

Por fim, Buarque de Holanda (1995) vai fazer uma comparação entre as revoluções ocorridas na América, afirmando que elas não seriam revoluções de fato. Para o autor, seria necessária uma revolução para que os resquícios coloniais brasileiros fossem deixados por completos e tornados apenas um traço na história. A revolução só seria possível se a cordialidade acabasse e, assim, a sociedade brasileira teria salvação.

1.3 - Prado Jr e o Brasil contemporâneo

Através de uma visão marxista, criticando a conjuntura política de sua época, Caio Prado

Jr., em 1942, lança "A Formação do Brasil Contemporâneo", onde descreve a realidade brasileira da sua colonização até a formação do cenário vigente no período, tentando desmitificar um possível viés "romântico" e a ideia de uma colonização de povoamento.

O livro está dividido em cinco partes, aonde Prado Jr. (2012) expõe como a colonização portuguesa afetou o desenvolvimento e as relações sociais no Brasil. O autor busca delimitar o período cronológico de seu estudo e formular possíveis problemas, procurando entrelaçar o período colonial com o atual, o autor vai mostrar alguns pontos contraditórios e de injustiças que vão atingir a sociedade. A colônia estaria para Caio Prado Jr. querendo se distanciar dos modelos Europeus.

No capítulo seguinte, "Sentido da Colonização", o autor analisa profundamente o sistema de colonização instaurado no Brasil. Para ele, o sistema colonial propiciaria interesses mercantilistas em que transformariam as áreas descobertas em áreas coloniais fornecedores de produtos de riqueza para a Europa. No Brasil, Prado Jr. (2012) identifica que surgiu uma sociedade na zona temperada que ostentavam característica em relação às sociedades europeias. No terceiro capítulo, chamado "Povoamento", traz uma visão característica marxista, à medida que o autor vai analisar a formação territorial e populacional adentrando nas questões de mobilidade, desenvolvimento dos ciclos econômicos, das relações de comércio com países do exterior, em sua maioria europeu, foi sendo construído. Ademais, o autor vai traçar certa relação existente entre a miscigenação com a formação da sociedade brasileira.

Em "Vida Material", elabora uma análise econômica do mercado interno e a submissão das massas produtivas com o mercado externo desde o período colonial com os grandes latifúndios monocultores de açúcar que seriam insignificantes. Nesta parte Caio Prado Jr. vai mostrar como era a dependência do Brasil em relação ao comércio externo, que servia apenas para fortalecimento estrangeiro e numa relação total de subordinação.

Por fim em "Vida Social", Caio Prado Jr.

vai descrever alguns juízos sobre os valores portugueses e seus efeitos na construção da sociedade brasileira. Especialmente na organização social, administração, vida social e política na formação da estrutura da sociedade e na burocracia dos governantes no exercício do seu poder. O autor dar grande destaque a escravidão, que serviu para a construção de todos os setores da vida social.

Caio Prado Jr. ao longo da sua obra apresenta uma nova abordagem na análise da formação do Brasil com sua visão marxista sobre a formação econômica e social brasileira. Sua interpretação da instalação do capitalismo é bem distinta dos teóricos de sua época que viam esse desenvolvimento estritamente com uma visão positiva.

2 - A visão pessimista racial sobre a história brasileira

Tidos como autores pioneiros no Brasil por estudar profundamente a influência da raça no desenvolvimento do Brasil têm-se Rodrigues (2010), Cunha (1984) e Sylvio (1876) que buscam compreender como os laços raciais, os elementos étnicos, os meios físicos e a miscigenação racial estavam inseridos nos grupos vindos ao Brasil, através de influência de teorias racistas evolucionistas da Europa. De forma pessimista, vendo a raça negra em um patamar de inferioridade, esses autores tentaram buscar no século XIX diversos fatores para explicar o atraso do país em comparação com outros povos, a exemplo dos países Europeus e América do Norte. Para Ortiz (2003, p. 130) "o objetivo desses intelectuais é claro, eles se propõem a compreender as crises e os problemas sociais e elaborar uma identidade que se adeque ao novo Estado nacional".

Os primeiros cientistas sociais da época, segundo Queiroz (1989, p. 18), estavam preocupados com o desenvolvimento do país em face da grande heterogeneidade cultural dos grupos étnicos que se faziam distribuídos em todas as camadas sociais. Além disso, a autora argumenta que estes pesquisadores "consideravam-nos assim como uma barreira

retardando o encaminhamento do país para a formação de uma verdadeira identidade nacional, que naturalmente embarçava também um desenvolvimento econômico mais eficiente".

Rodrigues (2010), médico e intelectual baiano, tem sua tese sobre o desenvolvimento cultural do país pela inferioridade do povo brasileiro ligada à raça, especialmente da cultura afro-brasileira, e sua localização geográfica nos trópicos. Para o autor, a fonte de desequilíbrio da sociedade brasileira poderia ser explicada através da miscigenação biológica e cultural entre as três raças ao longo do tempo, que também explicaria o aparecimento de diversas doenças, conflitos religiosos e levantes populares contra o governo.

Outras variantes desse pensamento racista são presentes nas obras de Sylvio (1876) e Cunha (1984) ao apontar que o processo de miscigenação seria um retrocesso tanto social, quanto econômico que explicaria a situação do Brasil na época. Esses autores duvidavam inclusive da capacidade da construção de uma característica específica brasileira em que, frente a diversidade étnica do país, ter um único e harmonioso patrimônio cultural. A intenção de dar uma "cientificidade" às análises da época fez com que muitos desses pensadores emitissem juízos de valores preconceituosos.

Autores mais críticos deste processo (AZEVEDO, 1987; BASTIDE, 1961; GUIMARÃES, 1999; MUNANGA, 1999 e VIANA, 1959) vão contribuir para o tema com o desenvolvimento de obras importantes e específicas sobre o racismo e o medo da mestiçagem. As discussões atuais sobre problematização racial são mais bem desenvolvidas com autores contemporâneos (FRY, 2001; GUIMARÃES, 2002; MAGGIE e FRY, 2004) que vão fazer diversas abordagens do tema de forma menos enviesada. Dentre esses contemporâneos, DaMatta (1986) em "O que faz o Brasil, Brasil?", problematiza o papel do negro e, especificamente, do miscigenado nas relações sociais, percebendo suas implicações tanto na política quanto nos valores morais, onde de acordo com o autor as interações sociais

camuflavam um “preconceito velado”.

Partindo da explicação evolucionista pessimista do Conde de Gobineau⁵ e compartilhada por estudiosos da época que estavam preocupados no sentido de construir uma identidade nacional, DaMatta (1986) levanta o horror que se tinha na época à miscigenação, contrariando ao romantismo feito por José de Alencar, aos chamados “híbridos”⁶ que para muitos tinham uma inferioridade intelectual e física, dessa forma estabelecendo uma diferenciação hierárquica das categorias do gênero humano e levando para um espaço religioso, onde “relaciona o branco com o purgatório, o negro com o inferno e o mulato com o paraíso” (DAMATTA, 1986, p.23). O autor levanta que, contrariamente do que se pensava que em lugares com leis específicas contra a miscigenação, no Brasil o preconceito tomava formas mais perigosas. Isto é, os mulatos não viviam no paraíso pensado por Gobineau, mas num inferno totalmente invisível. O sociólogo nos mostra que, mesmo com o fim da escravidão no Brasil, ainda existiriam preconceitos e uma dificuldade do negro em entrar na sociedade da época.

A preocupação da dificuldade do negro em se inserir na sociedade brasileira é descrita por Fernandes (1978) em uma das suas mais importantes obras, chamada “A Integração do Negro da Sociedade de Classes”. Em seu volume 1, Fernandes (1978) retrata a saída do negro das fazendas para a cidade, especialmente a cidade de São Paulo que era berço da economia rural do Brasil e onde se localizava grande parte dos negros em regime escravo. O autor argumenta a saída do negro das fazendas para a liberdade num novo regime de organização de vida e de trabalho, onde agora os ex-escravos começavam a ter independência de sair das grandes lavouras em busca de trabalho nas grandes cidades.

O estudo de Florestan Fernandes tem foco na cidade de São Paulo no final do século XIX em plena industrialização. Após a saída do negro do campo para a cidade, Fernandes (1978) destaca a inserção do negro na sociedade paulista em busca de emprego. À medida que, sem ter mão de obra especializada

para executar trabalhos que requeriam uma especialização, concorriam diretamente com os brancos livres e os estrangeiros vindos da Europa.

Florestan Fernandes mostra como a formação da construção da nação brasileira foi tumultuosa e dificultada para os mulatos e negros na cidade de São Paulo, que acaba de certa forma sendo um retrato quase fiel do que acontece em todo o Brasil. Além de chamar atenção ao desprezo e a marginalização desse grupo pela falta de oportunidade quando saía de uma situação de maus tratos e total dependência dos senhores de engenhos e fazendas, para uma outra nova sem estabilidade e condição de concorrência.

3 - Considerações Finais

Como se pode perceber ao longo do texto, o retrato da formação do Brasil em busca da identidade nacional foi visto de formas distintas pelos autores aqui estudados. As discussões para entender o conceito de nação e a forma de organização social eram centro dos grandes debates do início do século XX. A necessidade do povo brasileiro em encontrar uma crescente identidade nacional contribuiu para que autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. escrevessem obras consideradas importantes para as Ciências Sociais.

Através de Freyre (2004), é possível perceber que a concepção apresentada por ele é baseada na miscigenação harmônica entre as três raças. A casa grande, dessa forma, representaria o complexo sistema das relações sociais que estariam presentes em toda sociedade brasileira. Apesar da contribuição de Freyre (2004), sua obra não esteve livre de críticas que questionaram a forma como ele abordou a miscigenação, suavizando as verdadeiras relações sociais existentes. Já Buarque de Holanda (1995) tenta em sua obra explicar o motivo do atraso brasileiro em frente de outras nações. A descrição do “homem cordial” explicaria, em partes, a dificuldade do brasileiro em lidar com questões do domínio público e privado. Baseado em um viés marxista, Pra-

⁵ Joseph Arthur de Gobineau (1816 – 1882) natural da França exerceu atividades como filósofo, escritor e diplomata. Suas teorias sobre racismo durante o século XIX foram consideradas a mais importante para os estudiosos da época. Muitos autores brasileiros como Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Sylvio Romero se inspiravam na sua teoria sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento para colocar o Brasil como um povo atrasado. Para mais informações sobre a concepção racial de Gobineau ver Gahyva (2011).

⁶ Ver Ritcher (2004).

do Jr. (2012) descreve uma dura realidade brasileira através das possíveis contradições da colonização portuguesa no desenvolvimento das relações sociais.

Por sua vez, as visões pessimistas que marcaram o século XIX traziam o negro como um ser inferior e tentaram compreender como os laços étnicos contribuíram para a construção dos elementos da identidade nacional. Autores como Rodrigues (2010) e Cunha (1984) tiveram seus estudos baseados em ideias evolucionistas da época na qual classificava o povo brasileiro como seres inferiores e menos desenvolvidos. Além do mais, a contribuição de Fernandes (1978) em mostrar a inserção do negro na sociedade retrata sua constante preocupação em entender o Brasil e chamar atenção de como teria sido difícil para os negros entrarem numa socieda-

de bastante estratificada no pós-escravidão. Apesar disso, autores mais contemporâneos como DaMatta (1986) problematiza o papel do negro através da miscigenação nas relações sociais, tentando estabelecer as implicações na vida cotidiana a partir do preconceito velado.

As diversas abordagens desses autores considerados clássicos nas ciências sociais brasileira, mostra a constante preocupação deles por temas que ainda hoje são recorrentes na sociedade, principalmente no que concerne à discriminação racial, a preservação e afirmação da identidade cultural de grupos e o entendimento das práticas culturais e sociais do povo brasileiro. afirmação da identidade cultural de grupos e o entendimento das práticas culturais e sociais do povo brasileiro.

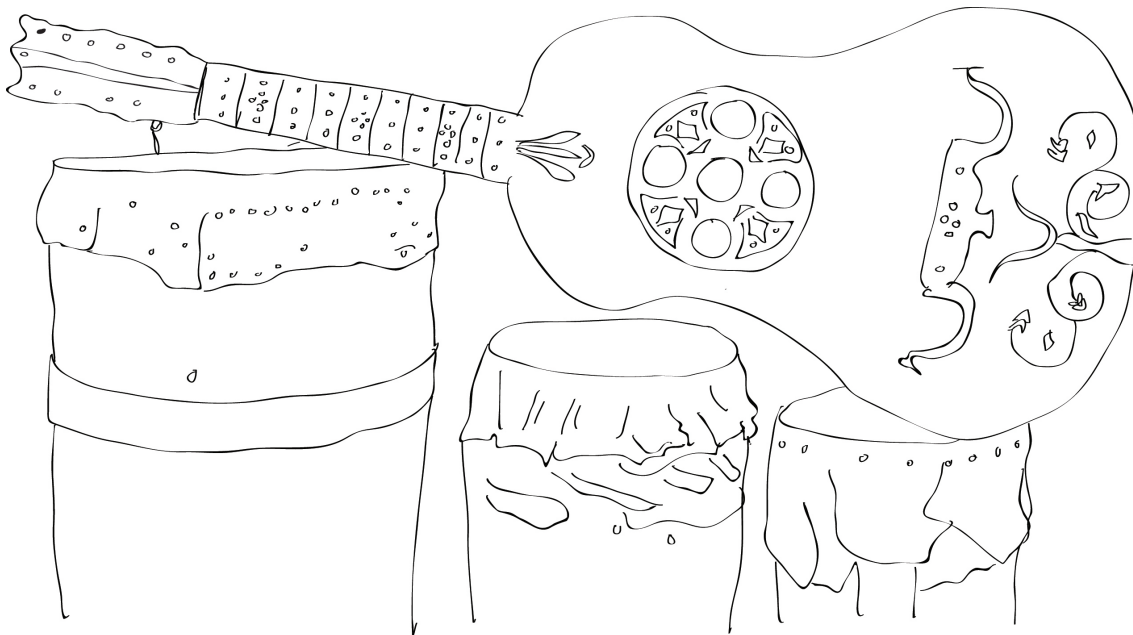
Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. (2008), *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras.
- ANDRADE, Iara. (2010), *Algumas reflexões sobre o conceito de identidade nacional*. Rio de Janeiro: XIV Encontro Regional da ANPUH.
- AMADO, Gilberto et al. (1962), *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Rio de Janeiro: J. Olympio.
- ARAÚJO, Ricardo B. (1994), *Guerra e paz: "Casa Grande & Senzala" e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. 34 ed, Rio de Janeiro.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho. (1987), *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites--século XIX*. Annablume.
- BASTIDE, Roger. (1961), *Les religions africaines au Brésil*. Paris, Presses Universitaires de France.
- BRESCIANE, Maria Stella Martins. (2007), *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: UNESP.
- CUNHA, Euclides. (1984), *Os Sertões: Campanha de Canudos*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Laemmert.
- DAMATTA, Roberto. (1986), A Ilusão das Relações Raciais, In: *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- FONSECA, Edson N. (org.) (1985), *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco.
- FERNANDES, Florestan. (1978), *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed., v. 1, São Paulo: Ática.
- FREYRE, Gilberto. (1952). *Brazis, Brasil e Brasília: sugestões em torno de problemas brasileiros de unidade e diversidade de das relações de alguns deles com problemas gerais de pluralismo étnico e cultural*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil.
- _____. (1985), *Sobrados e Mocambos*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (2004), *Casa Grande Senzala*. 49 ed. São Paulo: Global.
- FRY, Peter. (2001), Feijoada e soul food 25 anos depois. In: ESTERCI, Neide; FRY, Peter; GOLDENBERG, Mirian (Org). *Fazendo Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A.
- GAHYVA, Helga. (2010), *Tempos da Casa Grande: as primeiras críticas à obra inaugural de Gilberto Freyre*. Viçosa, Revista de C. Humanas, v. 10, n. 2, p. 245-255.
- _____. (2011), *A epopeia da decadência: um estudo sobre o Essai sur l'inégalité des races humaines (1853-1855), de Arthur de Gobineau*. Mana, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, Dec.
- GUIMARÃES, A. S. A. (1999). *Racismo e anti-racismo no Brasil*. Editora 34.
- _____. (2002), *Classes, raças e democracia*. Editora 34.
- HOLANDA, Sérgio B. (1995), *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PRADO JR., Caio. (2012), *Formação do Brasil contemporâneo*. Editora Brasiliense.
- MAGGIE, Yvonne & FRY, Peter. (2004), *A reserva de vagas para negros nas universidades brasileiras*. Estudos Avançados, v. 18, n. 50, p. 67-80.
- MUNANGA, Kabengele. (1999), *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- ORTIZ, Renato. (2003), Estado, cultura popular e identidade nacional. In: *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, p. 130.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. (1989), *Identidade cultural, identidade nacional no Brasil*. *Tempo social*, v. 1, n. 1, p. 18-31.
- REALE, Miguel. (1985), Um sociólogo naturalista. In: FONSECA, Edson N. (Org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco.
- REIS, José Carlos. (2006) *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?*. Rio de Janeiro: FGV Editora.

- RIBEIRO, Darcy. (1995), *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RICHTER, Vanusa C. P. (2004), *Híbrida, mas não caótica, a literatura brasileira é*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mimeo.
- RODRIGUES, Raymundo N. (2010), *Procedências africanas dos negros brasileiros*. In.: *Os Africanos no Brasil*. Rio de Janeiro, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- ROMERO, Sylvio. (1876), *A filosofia no Brasil*. Petrópolis, Vozes.
- SCHNEIDER, Jens. (2004), *Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional*. *Mana*, v. 10, n. 1, p. 97-129.
- VIANA, Oliveira. (1959), *Raça e assimilação*. José Olympio.

Recebido em: 20 de fevereiro de 2015.

Aprovado em: 9 de junho de 2015.



Adriana Santana